

Faz dezenove inesquecíveis anos que eu fui à tua casa, a vez primeira, quando poetas célebres e lhanos liam seus versos, de gentil maneira. Éramos doze, alguns já veteranos, todos de nossa Pátria brasileira, prêmios a receber, bastante ufanos na gestão da querida V. Ferreira. E desde então, Fanal, tu me visitas trazendo poesias tão bonitas, oferecendo enlevamento vário. Destarte, mensageiro de poetas e poetas nobres e diletas, parabéns pelo teu cinquentário!

José Paes, Ao Fanal, em Fanal 0310, fax (11) 3208-9569 (em 07 de novembro, 55anos!) Rua Álvares Machado 22, 1º: 01503-000 – SP, SP

Num tapete chinês repousam nossos corpos, belos desenhos dele neste momento em que minha cabeça, docemente em teu ombro, tem a expressão de um anjo adormecido. Protegida em teus braços delicados mas fortes que me asseguram de teus ternos sentimentos de amor de que nossos corpos são instrumentos onde os corações cantam acordes perfeitos, estou neste tapete à beira do paraíso e tu também sossegado, contente. A noite vem à sala mas teus belos dedos permanecem imóveis nas pontas dos meus seios cuja cor muito rosa assume os tons serenos desta calma feliz no tapete chinês.

Lia Rosa Reuse, Tapete Chinês, em LeReLeR LiReLiRe 0308 – www.lerele-riere.com lerele@terra.com.br

Foi-se, num piscar de olhos, a mocidade. Com ela, o gosto pelo fragor da procela, tormenta doce-amarga, que a juventude revela. Das ponderações da idade, ficou a saudade! Entre a bulha e a pressa, hoje ando com calma. Reflito, sem mágoas, sobre desencantos da vida decepções orvalham sobre meus olhos, às escondidas, repositório da memória, para experimentos da alma. Os tempos são outros; outros os temores... disso tenho consciência! Às vezes me assusto. Vigora a falsidade e a inversão de valores. Ideais persistem, mas não aspiro vitórias. Na vida lutei por uma vaga, resoluto. E dela sou, apenas, uma vaga agora!...

Gerardo Hamilton Menezes, Reflexões, em Entreamigos Especial 0308 Rua Graeciema Formello 598 CEP 95054-150 – Caxias do Sul, RS

Quiero a la tierra amarilla que baña el Ebro lodoso: quiero el Pilar azuloso de Lanuza y de Padilla. Estimo a quien de un revés echa por tierra a un tirano: lo estimo, si es un cubano; lo estimo, si aragonés.

Amo los patios sombríos con escaleras bordadas; amo las naves calladas y los conventos vacíos. Amo la tierra florida, musulmana o española, donde rompió su corola la poca flor de mi vida.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos VII  
José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

## O S R A T O S D O C E M I T É R I O

Henry Kuttner, em Obras Primas do Conto Fantástico (Jacob Penteadó), 1966

O velho Masson, zelador de um dos mais antigos e relaxados cemitérios da cidade de Salem, vivia eternamente às voltas com ratos. Há gerações atrás, tinham vindo eles dos molhes, dos cais, e se instalaram no cemitério, uma verdadeira colônia de enormes ratos. Quando Masson passou a ocupar o atual cargo, após o desaparecimento inexplicável do outro zelador, decidira dar-lhes caça. A princípio, deitara-lhes armadilhas, envenenara comida, que largava pelos buracos, e, mais tarde, experimentara matá-los com uma espingarda, mas nada conseguiu. Os ratos continuavam, multiplicavam-se, infestando o cemitério, com suas hordas inextinguíveis.

Eram enormes, mesmo para o *mus decumanus*, que às vezes chega a medir quinze polegadas, excluindo-se o rabo cinza e rosa. Masson entrevia alguns tão grandes quanto gatos e, quando, certa vez, os coveiros remexeram em suas tocas, os mal odorosos túneis eram tão largos, que permitiriam a passagem de um homem agachado. Os navios, que gerações atrás vieram de distantes portos para os cais arrebatados de Salem, trouxeram consigo estranhas cargas.

Masson freqüentemente se admirava do tamanho desses túneis. Lembra-se vagamente de lendas perturbadoras, que ouvira ao chegar àquela Salem, antiga e povoada de contos de feitiçaria – narrativas de uma vida inumana, moribunda, que se dizia ter existido em tocas escuras, nas profundezas da terra. Os velhos dias em que Cotton Mather perseguira os cultos diabólicos, que veneravam Hécate e a Magna Mater, em orgias infernais, tinham passado. Mas, escuras e tetricas casas de torres pontiagudas ainda se inclinavam perigosamente umas para as outras em ruínas estranhas. E segredos blasfemos atestavam que, nas suas cavernas e adegas subterrâneas, celebravam-se ainda os ritos negros, que desafiavam a sanidade mental. Meneando gravemente a cabeça branca, os mais velhos afirmavam que havia poucas cousas piores que magotes de ratos infestando a terra esburacada dos antigos cemitérios de Salem.

E, aqui, voltamos à curiosa questão dos ratos. Masson odiava e respeitava os ferozes roedores, pois conhecia o perigo que se desprendia de seu pêlo lúcido e de seus caninos aguçados. Não entendia, porém, o horror que os mais velhos ressentiam pelas casas abandonadas de viventes e infestadas de ratos. Ouvira vagos rumores sobre seres espectrais, que perambulavam pelos subterrâneos e cujo poder se exerce sobre ratos, a organizá-los como um verdadeiro exército. Os ratos, murmuravam os mais velhos, são os mensageiros entre este mundo e o outro, que se oculta sob a terra de Salem. Cadáveres tinham sido roubados de seus túmulos, para os festins subterrâneos, assim diziam.

Masson não cuidava muito dessas histórias. Não confraternizava com seus vizinhos e tudo fazia, na verdade, para ocultar a existência dos ratos aos intrusos. Investigações, pensava ele, não sem razão, significariam a abertura de inúmeros túmulos. E, conquanto alguns caixões corroídos, esvaziados mesmo, pudessem ser atribuídos à ação dos ratos, Masson achava difícil explicar os corpos mutilados, que jaziam em algumas das tumbas.

O ouro, o mais puro, é usado na obturação de dentes, e esse ouro não é removido por ocasião do sepultamento. Roupas, está claro, são outro assunto, pois o agente funerário se encarrega de que seu cliente vista as mais baratas possíveis. Mas o ouro não. E, mais ainda: estudantes de medicina e médicos de reputação duvidosa estão sempre à procura de cadáveres e não se incomodam absolutamente em conhecer a origem desse fornecimento.

Por isso, Masson, até agora, conseguira impedir as investigações. Negara firmemente a existência dos ratos, embora estes lhe roubassem freqüentemente a presa. Masson pouco se incomodava com o que acontecesse aos corpos, depois que neles tivesse exercido sua operação, e os ratos, inexoravelmente, arrastavam o cadáver, através do buraco, que roiam na parede do caixão.

O tamanho desses buracos, às vezes, preocupava Masson. Acrescia, ainda, a estranha circunstância dos sarcófagos serem sempre abertos na parte correspondente às extremidades, nunca no cimo ou nos lados. Poder-se-ia crer que trabalhavam sob as ordens de algum líder impassível e extraordinariamente inteligente.

Neste momento, Masson achava-se de pé, em uma cova descoberta, atirando para o lado os últimos montes de terra. Chovia, uma garoa miúda e fria, que, por semanas a fio, castigava a terra. O cemitério parecia um lamaçal amarelo, de que se destacavam as tumbas, como monstros desordenados.

Os ratos haviam-se retirado para suas tocas e fazia dias que Masson não punha olhos sequer num. Seu rosto barbudo e de expressão dura estava totalmente enrugado. O caixão que pisava era de madeira.

O corpo tinha sido sepultado dias antes, mas Masson ainda não ousara

desenterrá-lo. Um parente do morto viera ao cemitério, por diversas vezes, arrostando o mau tempo. Confiava, porém, agora, em que não apareceria a horas tão tardias, por maior que fosse a sua dor, pensava Masson, a fazer caretas das mais horríveis. Descansou por instantes.

Da colina, em que estava situado o velho cemitério, divisava as luzes de Salem, tremeluzindo, através da neblina. Tirou uma lanterna do bolso. Precisiara de luz, agora. Empunhou a pá, inclinou-se e examinou a fechadura do caixão.

Parou abruptamente. Sua atenção foi despertada por um leve mexer, sob seus pés, como se algo se movesse dentro do caixão. Um medo supersticioso tomou conta dele, detendo-lhe a respiração, até que percebeu o significado daqueles ruídos. Os ratos tinham-no precedido, despojando-o de sua presa.

Num paroxismo de ódio, Masson arrebitou as ligaduras do caixão, enfiando a ponta da pá entre a tampa e o esquiço propriamente dito. Iluminou-o com a lanterna.

A chuva caiu de encontro ao cetim branco do forro. O caixão estava vazio. Masson percebeu movimento na extremidade do sarcófago e dirigiu a lanterna para ela. Um buraco enorme deixava entrever um sapato preto, que se arrastava vagarosamente, e o homem compreendeu que os ratos o haviam precedido de apenas alguns minutos.

Caiu sobre os joelhos e tentou agarrar o sapato, deixando tombar a lanterna dentro do caixão. O sapato não foi alcançado e ele ouviu um guincho agudo, excitado. Tomou novamente a lanterna, iluminando o buraco.

Era bem grande. Tinha que ser, ou o cadáver não poderia ter sido arrastado por ali. Masson espantou-se ainda uma vez ante o tamanho de ratos, que podiam agüentar com o cadáver de um homem, mas a certeza do revólver, que carregava no bolso, confortou-o. Provavelmente, se o cadáver fosse de uma pessoa comum, Masson o deixaria entregue aos raptos e jamais se aventuraria naquela toca, mas estava bem lembrado de que o cadáver vestia uma camisa de linho finíssimo e que seu alfinete de gravata era de pérola. Sem quase refletir, pendurou a lanterna na cinta e engatinhou no buraco.

Era apertado, mas conseguiu passar. Bem à sua frente, podia ver os sapatos que andavam por sobre a terra úmida das profundezas do túnel. Engatinhou o mais rapidamente que pode, às vezes tendo que se arrastar de barriga, por falta de altura.

O ar era irrespirável. Se não alcançasse o corpo em um minuto, decidiu Masson, voltaria. Terrores subconscientes começavam a fazer-lhe companhia, sem que pudesse evitar, mas o ódio impelia-o para a frente. Arrastou-se, atravessando túneis, que entroncavam. As paredes eram limosas e por duas vezes, bolas de lama caíram sobre e atrás dele. Da segunda vez, parou. Não enxergava. Desatou a lanterna da cinta e iluminou a escuridão.

Torres de terra amontoavam-se atrás dele e o perigo de sua posição, de repente, tornou-se real, pavoroso. Com medo de ficar sepultado vivo, resolveu abandonar a perseguição, embora quase alcançado o cadáver e o ser invisível, que o arrastava. Mas, não pensara em uma cousa. O túnel era muito estreito, para permitir que ele se virasse.

O pânico assaltou-o, mas lembrou-se de um túnel lateral, que atravessara havia instantes e, de costas, entrou nele, girando aos poucos, até poder prosseguir de frente. Rápido, tentou encontrar o caminho de volta, conquanto seus joelhos estivessem machucados e trêmulos.

Uma dor aguda paralisou-lhe a perna. Um dente agudo se enterrara em sua carne. Masson se bateu freneticamente. Ouvia guinchos excitados e o mover de muitos pés. Iluminando com a lanterna, Masson prendeu a respiração num choque causado pelo susto, ao perceber uma dúzia de enormes ratos, que o contemplavam firmemente, seus olhos rasgados, brilhando àquela luz. Eram enormes, tão grandes como gatos, e atrás deles entrevia uma sombra negra que deslizou suavemente. Masson estremeceu ante o desconatural daquela coisa invisível.

A luz os detivera momentaneamente, mas, agora, se aproximavam, os dentes alaranjados devido à iluminação. Masson conseguiu sacar a pistola do bolso e mirou cuidadosamente. Sua posição era péssima. Firmou os pés nas paredes limosas, para não desperdiçar o tiro.

O ruído espantoso da explosão ensurdeceu-o por instantes e a fumaça provocou-lhe tosse. Quando pode ver e ouvir novamente, os ratos tinham desaparecido. Recolocou a pistola no lugar e quis prosseguir a caminhada de volta, mas, entre guinchos e arrastar de pés, já estavam de novo em cima dele.

Treparam em suas pernas, mordendo e guinchando loucamente. Masson estremeceu, ao procurar o revólver. Atirou sem mirar e unicamente a sorte o livrou de arrancar o próprio pé. Desta vez, os ratos

não foram longe, mas Masson corria o melhor que podia, pronto para atirar ao primeiro ruído suspeito.

Novo ruído de pés e o homem iluminou, com a lanterna, atrás de si. Um enorme rato cinzento parou e vigiou-o. Seus longos bigodes moviam-se e o rabo, escabroso e sem pelos, balançava de um lado para outro. Masson gritou, e o rato afastou-se.

Proseguiu, detendo-se ante um túnel negro, bem à altura de seu cotovelo, bloqueado por uma massa, que julgou, por instantes, ser terra, desmoronada do teto, para logo verificar, horrorizado, que se tratava de um corpo humano.

Era uma múmia marrom, enrugada, e, por pior que aquilo lhe parecesse, a cousa se movia.

Arrastava-se na sua direção e, à luz da lanterna, a cara horrenda mergulhou na sua. Era um esqueleto de muitos anos, a viver uma vida diabólica. Não tinha olhos, mas buracos, que, inexplicavelmente, brilhavam, através de sua cegueira. E aquilo gritava à medida que avançava para Masson, a boca entreaberta e retorcida. Masson enregelou de pavor e nojo.

Antes que aquele horror o tocasse, Masson enterrou-se no túnel ao lado. Ouvia um arranh de garras atrás de si e, olhando de esguelha, gritou, enquanto mais se enterrava no buraco estreito. Arrastou-se desajeitadamente, sentindo que pedrinhas agudíssimas lhe dilaceravam as mãos e os joelhos. A sujeira penetrara-lhe os olhos, mas não ousava parar. Engatinhava, blasfemando, respirando com dificuldade e rezando histericamente.

Guinchando triunfalmente, os ratos chegaram-se a ele, a fome horrenda escrita nos olhos. Masson quase sucumbiu ante os dentes agudos, mas conseguiu afastá-los. A passagem estreitava-se cada vez mais. No paroxismo do terror, Masson deu pontapés, gritou.

Achou-se, engatinhando, sob enorme pedra, incrustada no teto, que pesava cruelmente nas suas costas. Moveu-se um pouco, quando foi atingido por seu corpo. Uma idéia atravessou a mente quase enlouquecida do homem. Se pudesse arrancar a pedra e bloquear o túnel!

A terra estava úmida, devido às chuvas e, de cócoras, Masson começou a escavar em torno da pedra. Os ratos se aproximavam cada vez mais. Via-lhes os olhos que brilhavam, a cada tremeluzir da lanterna. A pedra começava a ceder.

Um rato se aproximou – o monstro, que já entrevia. Cinzento e leproso, avançava, com os dentes alaranjados a mostra, rebocando aquela cousa morta, que guinchava à medida que se arrastava. Masson esforçou-se, trabalhando, desesperado, e sentiu que a pedra ia cair. Rápido, continuou a arrastar-se pelo túnel.

Atrás a pedra ruiu fragorosa, e ouviu-se súbito guinchar de agonia. Torções de pedra caíam sobre as pernas de Masson, que custava a livrar-se delas. Todo o túnel estava desmoronado!

Respirando com dificuldade, amedrontado, Masson impeliu-se para a frente, percebendo que a terra úmida queria engoli-lo. O túnel estava-se estreitando de tal maneira que já não podia usar mais as mãos e pernas para se mover.

Deitou-se de barriga no chão, coleando como uma enguia, mas de repente, quando experimentou erguer-se, descobriu que o teto se achava apenas a centímetros de suas costas. O pânico assaltou-o.

Quando o horror cego lhe bloqueava o caminho, atirara-se desesperado para um túnel lateral, túnel que parecia não ter saída! Só agora entendia. Estava num caixão, um caixão vazio, cuja extremidade, como de costume, tinha sido róida pelos ratos.

Experimentou voltar-se de costas, mas não pode. Se ao menos pudesse levantar a tampa do caixão! Impossível. E, se pudesse escapar do sarcófago, como faria para remover cinco pés de terra?

Masson arfava. O ar irrespirável, fétido, era de um calor infernal. Num paroxismo de terror, arranhou, raspou o cetim do forro, até que este se despedaçou. Com os pés, tentava cavar o monte de terra desmoronada, que lhe bloqueava a saída. Se ao menos pudesse mudar de posição, se pudesse encontrar um pouco de ar... ar...

Agonia amarela, morna, espalhou-se por seu rosto e turvou-lhe os olhos. Sua cabeça parecia intumescer, crescendo, aumentando, sempre mais.

E, de repente, ouviu o guinchar triunfal dos ratos. Pôs-se a gritar feito louco, mas já não conseguia afastá-los. Por momentos, buscou histericamente um refúgio dentro de sua estreita e estranha prisão, e depois aquietou-se, tentando respirar.

Seus cílios desceram sobre os olhos, a língua preta lançou-se fora da boca e ele mergulhou na escuridão da morte, enquanto os ratos, desatinados, banquetavam-se em suas orelhas.

TEMAS DA SAZÃO (QUI DAIS) PRIMAVERA/VERÃO		
Os sinos soam! É Dia de Ação de Graças. Altar enflorado. Ailton Cardoso de Oliveira	Ao som do belo hino bandeira hasteada tremula... Dia da Bandeira! Edel Costa	Crianças aprendem: - cada Estado uma estrela - no Dia da Bandeira. Luís Koshitiro Tokutake
Um gorjeio em festa: passarinhos celebrando a sebe de amoras. Alba Christina	Vibra num gorjeio, todo o espaço do meu lar. É meu curió. Elen de Novais Felix	No fundo do Acre escolares comemoram Dia da Bandeira... M. U. Moncam
No jardim florido, belas flores perfumadas: alvas açucenas. Aida Corrêa Mendes Moreira	Dálias no jardim dançam ao sopro do vento... Baile multicor! Ercy M. M. de Faria	Flores voltando pequeno sol despontado. Dália no jardim. Manoel F. Menendez
Milhares de pássaros festejam, com sons maviosos, o Dia da Música... Amália Marie G. Bornheim	A aluna que sola, súbito - é o Dia da Música - arranhão desola. Fernando L. A. Soares	Em passadas firmes, potrilhos varam o pampa ao lado das mães... Maria Madalena Ferreira
Desfraldada ao vento, Dezennove de Novembro. Dia da Bandeira. Analice Feitoza de Lima	Madrugada de clarins rufar de tambores. Fernando Ribeiro da Cruz	Festival harmônico invade o colégio interno. É o Dia da Música. Maria Reginaldo Labruciano
Peru com farofa. É Dia de Ação de Graças. Almoço festivo. Angélica Villela Santos	Voando na rua, com cata-vento acionado... menino avião! Fernando Vasconcelos	Borboleta pausa, planta delgada balança. Abrir, fechar de asas. Olga Amorm/mfm
No galho qual flor, uma casinha suspensa... João-de-barro. Anita Thomaz Folmann	No grande salão todos estão concentrados. Dia de Ação de Graças!... Helvécio Durso	Bolas coloridas... menino brinca feliz! Bolhas de sabão. Olga dos Santos Bussade
Fogueira acesa, fritada de lambari. Boa pescaria... Cecy Tupinambá Ulhôa	Gatinhos se amando numa encenrada seresta... - Vigília na rua! Humberto Del Maestro	Lambari fainito com olhos arregalados mirando os filhotes. Renata Paccolla
Um gato fainito e um curió assustado. Gaiola entre os dois... Darly O. Barros	É maninha de sol. Num cantinho do pomar nasce uma açucena... João Batista Serra	Explode o amarelo entre as espessas verduras. É a sibipiruna. Roberto Resende Vilela
Quão exuberante o cafezal! Tão bonita a flor do café... Djalda Winter Santos	Curio cantando atrai povo à praça em festa! No coreto, o artista! Leonilda Hilgenberg Justus	Flor de goiabeira, anúncio de primavera na manhã radiosa... Santos Teodósio



### SELEÇÕES MENSAIS

#### FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.11.03, quigos à escolha:  
Caju, Lava-pés, Porta-bandeira.

Remeter até 30.12.03, quigos à escolha:  
Dia do Turismo, Graúna, Laranja-lima.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos.

No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 39, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP *ou* [mfmenendez@ig.com.br](mailto:mfmenendez@ig.com.br)

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos - palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

#### TREVO À OCIDENTAL. - TREVO PERSONAGEM \*

Vejo sem mistério \*  
- flores reinam com mil cores -  
hoje o cemitério.

Luis Koshitiro Tokutake

Aurea esperança °  
assoma aos céus do Brasil...  
- Dia da Bandeira!

Maria Madalena Ferreira

Pescador aguarda \*  
junto ao rio poluído.  
Lambari não vem.

Walma da Costa Barros

Pintassilgo preso °  
entre as grades da gaiola  
chora pelo céu.

Yedda Ramos Maia Patrício



### HAICUS

### EM FOLHA

No beiral da casa um balé sofisticado... vespas agitadas. Anita Thomaz Folmann	Pássaros cantando nos galhos do jatobá, musicando a tarde... Elen de Novais Felix	Um ramo de flores na mesa da professora. Dia da Cultura. Anita Thomaz Folmann
Esconde o horizonte. Maria Reginaldo Labruciano	No coreto da pracinha, música e poesia. Renata Paccolla	No pátio da escola, um recital de poesias. Dia da Cultura! Elen de Novais Felix
Jatobás, em toras, com brilhos incandescentes, navegam nos rios... Amália Marie G. Bornheim	No caminho do rio uma árvore se destaca: pé de jatobá. João Batista Serra	Caido ao chão, anos de sombra e frescura. Velho jatobá. Cecy Tupinambá Ulhôa
Num baile sem fim, girando ao redor dos ninhos, zumbidos de vespas... Amália Marie G. Bornheim	Sobre a mesa tosca pingos de licor caseiro - uma vespa tonta. Maria Reginaldo Labruciano	Flores amarelas. Sob um pé de jatobá, homem repousando. Analice Feitoza de Lima
Vai morrendo o dia Junto às copas verdes o amarelo se derrama. Jatobás floridos. Walma da Costa Barros	Muito alvoroadas, vespas defendem sua casa. Picadas nas mãos. Angélica Villela Santos	Sortido amarelo. A polpa do jatobá recobridor dos dentes. Maria de Jesus B. de Mello
Com muito discurso, todo mundo engalanado. Dia da Cultura. Cecy Tupinambá Ulhôa	Contrário ao progresso, jatobá resiste só. Em volta o cimento. Alba Christina	Buscando incentivo ergue-se a bandeira tímida Dia da Cultura. Alba Christina
A rede balança, e os velhos jatobás prendem par de namorados. Alba Christina	Jatobás ostentam suas flores amarelas na inmensidão verde. Walma da Costa Barros	Na entrada da casa passa gente aprensiva. Um ninho de vespas. Manoel F. Menendez
Criança chacoalha o seu novo navio brinqueado. Jatobá maduro. Renata Paccolla	De cima da árvore, menino foge correndo das vespas em fúria. Renata Paccolla	Beiral corrido: vespas preparam seu ninho perto de um varal... Darly O. Barros
Dia da Cultura! Na praça, cheia de tendas, florescem os livros... Amália Marie G. Bornheim	Crianças com medo... Na praça, o vento derruba, um ninho de vespas!... Elen de Novais Felix	Alongo a visão: velhos jatobás vestem-se de verde-e-amarelo. Walma da Costa Barros
Vespa atacada! Numa fração de segundos chuva de ferrões. Amari do Amaral Campos	Cinco de novembro: feira de livros na praça; Dia da Cultura. Angélica Villela Santos	Almoço na chácara. No meu copo de gasosa caiu uma vespa. Sérgio F. Pichorim

Tão expressivo é o valor  
do seu *seguro de morte*,  
que o velho - esbanjando humor  
chama a esposa de... Consorte.

José Ouverney, em O Ubeteano 0309

Neste mundo palpitante,  
dizemos alto e em bom som  
que, se é bom ser importante,  
mais importante é ser bom!

Juarez Monteiro, em O Acadêmico 0309

Saudade - flor da clemência,  
se você não existisse,  
quem teria a paciência  
de conversar com a velhice?

Lilinha Fernandes, em Poetrovando/Mentalhas 0308

Se em toda democracia  
o crime é uma sinecura,  
imagine sua alegria  
dentro de uma ditadura!

Manoel F. Menendez

Senador, dono de empresa,  
alto escalão da justiça,  
declara: "é a maior surpresa!  
- Tenho conta na Suíça?!"

Newton Meyer, em Trovaregre 0310

Trabalha sem ter cansaíra,  
sejas poeta ou escritor,  
a vocação verdadeira  
não faz questão de louvor.

Ziver Ritta, em Fanal 0310

Fuga de pássaros  
mato seco crepitando  
cheiro de fumaça...

Clicie Pontes

Ouro fluuando  
pelos ramos desfolhados  
nos ipês floridos.

Delores Pires

Nos bancos do parque  
casais de namorados.  
Primavera chegou.

Maria H. C. Nunes

Noite... primavera...  
lava-se a enxada no lago  
desmanchando a lua.

Naoto Matsuchita

Grinalda no muro  
no dia do casamento  
buganvília branca.

Neide Rocha Portugal SF9809

Explodindo vida  
as jabuticabeiras  
vestidas de preto.

Roberto Saito

Estremece o ninho.  
Lá no alto, entre as folhas,  
pássaros em amor.

Suely Moraes

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza - Berço do Haicai, **Kigologia** e Antologia, 1996

A morte é um dormir °  
veludo negro profundo  
infinito sonho.

Anne Adams

Graça da natura °  
suplicando por estima  
ninguém no caminho.

Asoke Banerjee

Manhã de luz surge \*  
agitação e suspiros  
da mãe natureza.

Candace Barnes

Sem tempo pra mágoas °  
coração partido em dois  
é a marcha da vida.

Danielle Barry

<http://www.poetry.com/Haiku/haiku.asp>

Para seguir livre °  
minha mente vaga fácil  
no alcance dos braços.

Guthrie Byard

As pétalas se abrem \*  
revelando fino encanto  
desabrocham cores.

Lucy Bender

Como questionar °  
do Criador a existência  
vendo estas imagens?

Thomas Bones

Canta, curió! °  
Mas mostre a sua tristeza,  
a quem te prendeu.

Agostinho José de Souza

De jabuticaba, °  
doce, colhida no pé,  
quem é que não gosta?

Albertina Canedo Gomes dos Santos

Músicos reunidos. °  
Quadro de Santa Cecília,  
é Dia da Música.

Analice Feitoza de Lima

Fica roxa a boca de °  
quem degusta uma amora  
dã um visual bonito!

Carmem Stülzer Brasil

Um dia no ano °  
flores enfeitam os túmulos:  
Dia de Finados.

Djalda Winter Santos

Miúda, floriu °  
formosa e azul miosótis...  
Não-me-esqueças, viu?

Fernando L. A. Soares

Meninos correm. \*  
Nas mãos, os cata-ventos.  
Qual será o melhor?

Helvécio Durso

As sibipirunas °  
embelezam as molduras  
das verdes planícies...

Ailton Cardoso de Oliveira

Adultos e crianças, °  
sempre contentes, festejam  
o Dia da Música.

Aida Corrêa Mendes Moreira

Ofereço a dália, \*  
rainha do meu jardim,  
à Nossa Senhora.

Angélica Villela Santos

Paz e liberdade. °  
Dia de Ação de Graças.  
Hosana nas alturas!

Cecy Tupinambá Ulhôa

Seu emblema reluz en- °  
volto em verde esperança;  
Dia da Bandeira.

Elen de Novais Felix

Perfumes e flores °  
ditam a moda vernal...  
festival de cores.

Fernando Vasconcelos

A gralha heroína °  
da terra paranaense...  
Araucária em prole!

Hermoclydes S. Franco

Depois do atentado, °  
o Dia de Ação de Graças  
vai contando as bênçãos.

Alba Christina

Preces pela paz, °  
no Dia de Ação de Graças,  
ecoam nos templos.

Amália Marie G. Bornheim

Construção de cores °  
cortar e colar estrelas  
Dia da Bandeira.

Carlos Roque Barbosa de Jesus

Bênção do céu: °  
chuva-criadeira amanhando  
a terra sedenta.

Darly O. Barros

Tremulando ao vento, °  
espalha esperança nova!  
Dia da Bandeira.

Ercy M. M. de Faria

Sabiá-pimenta. °  
Trinca-ferro dos mais belos.  
Canto barulhento.

Haroldo R. Castro

Até nos domingos °  
o João-de-barro trabalha:  
- casamento à vista!

Humberto Del Maestro

Era preciso preparar o espírito da dona Aurora, para que o jantar não fosse um desastre. A velha matriarca ainda comandava a mesa familiar. Uma palavra errada dela poderia pôr tudo a perder. E daquele jantar dependia a fortuna da família.

Sueli, a filha mais velha, foi encarregada de preparar o espírito da dona Aurora.

- Mamã, lembra da Jurema? A filha da Laurentina?

- Claro que lembro. Foi criada aqui em casa.

- Ela vem nos visitar, hoje.

- Mandar ela vir me pedir a bênção.

- Ela vem jantar aqui, mamãe.

- Muito bem. Comida é o que nunca faltou

nesta casa.

- Ela e o marido. Lembra do Odilon? A senhora implicava com ele. Chamava de Escurinho.

- Não era por causa da cor. Não tenho nada contra preto. Mas sempre achei que a Jurema podia ter conseguido coisa melhor. Não era feia, aprendeu a cozinhar com a mãe, eu mesmo ensinei a bordar... Podia ter conseguido coisa melhor. Um comerciante, um escritor... Mas não. Quis o Odilon. Um operário. E ainda por cima, escurinho.

- Ele hoje está num ministério, mamãe.

- Ministério? Da Igreja?

- Do governo. Tem um cargo bem próximo do ministro. Coisa importante. A senhora não se lembra como ele simpatizava com o PT?

- Eu sabia que tinha outra coisa nele com que eu implicava...

- Fez carreira na política e hoje está no governo. Eles estão na cidade e nós convidamos os dois pra jantar, aqui, hoje.

- Aqui? Hoje?

- É. Ele pode nos ajudar, em Brasília. Deve se lembrar como nós ajudamos a Jurema no casamento.

- Ajudamos mesmo. Eu mesmo dei uma nota de cem. Eram cruzeiros ou reais? Não me lembro mais.

- O importante, mamãe, é como nós vamos nos comportar. Sei o que a senhora pensa dos novos tempos, mas temos de aceitar que as coisas muda-

ram. Certas coisas perderam o sentido e nós precisamos nos adaptar. Mesmo porque, é do nosso interesse. Podemos contar com a sua compreensão?

- Minha filha, eu nunca tive nenhum tipo de preconceito! Esta casa não foi sempre aberta para todos? Alguma vez nós negamos comida para alguém? A própria família da Laurentina não vivia comendo aqui? Volta e meia apareciam uns sobrinhos que ninguém conhecia e mesmo assim sempre ganhavam comida. Eu sei que os tempos mudaram. Só não sei se...

- O que, mamãe?

- O Odilon não vai se importar de comer na cozinha.